

## Editorial

Enquanto revista científica de uma Faculdade em que os saberes interdisciplinares em saúde coexistem e se cruzam, não é surpreendente que os artigos presentes neste número encerrem em si o testemunho de uma compreensão da saúde que não se compadece com uma versão dicotômica da saúde vs doença.

Na realidade hoje, para além de outros fatores, compreendemos a importância de considerar comportamentos, crenças, culturas, comunidades e ambiente na saúde. Muito distante de uma perspectiva estritamente biomédica.

Percebemos cada vez melhor a importância de promover a saúde e prevenir a doença e que, para o alcançarmos, contribuem também fatores, entre muitos outros, que passam pela capacitação das pessoas.

Essa abordagem fica clara nos artigos: *“O conceito de vulnerabilidade da população pediátrica no contexto dos cuidados de enfermagem: uma scoping review”* em que se conclui sobre a necessidade de promover nos indivíduos comportamentos de saúde mas também sobre a importância de fatores sociais e comportamentais. A mesma mensagem é transmitida no artigo *“Intervenções de enfermagem promotoras de gestão emocional da criança/jovem hospitalizado e família: uma scoping review”* em que mais uma vez, entre outras conclusões, é enfatizada a importância do contexto.

Há também influências de aspetos culturais nestes comportamentos de saúde como nos é transmitido pelo artigo: *“Aspectos culturais na amamentação em mulheres chinesas: uma scoping review”* em que se alerta para a necessidade dos profissionais de saúde prestarem cuidados de saúde “culturalmente competentes”.

Mas muitas vezes não é necessário a pertença a culturas milenarmente diferentes para que haja um mundo de distância. É suficiente que se esteja de lados diferentes do mesmo encontro, na mesma sala. É o que nos mostra o artigo sobre *“Violência obstétrica: do silêncio da bioética à bioética do cotidiano”* falando sobre um tema que, tendo sido amplamente ignorado durante muito tempo, tem vindo a adquirir um destaque crescente e que conclui, entre outras, precisamente com a mesma noção de que temos de educar os profissionais e promover a gestão da vulnerabilidade sem discriminação.

Nunca sendo por isso justificados, fica também clara a noção de que estes comportamentos violentos aparecem muitas vezes associados a sobrecarga e esgotamento de quem presta os cuidados, o que nos alerta para a necessidade tantas vezes repetida, mas ainda insuficientemente concretizada, de promover a saúde e prevenir a doença também de quem cuida. O artigo *“Estratégias de humor utilizadas em cuidados paliativos para promover condições de trabalho mentalmente saudáveis: uma scoping review”* mostra que o humor pode ter um impacto positivo na saúde mental de cada profissional e no trabalho em equipa.

De facto as exigências aos profissionais de saúde começam logo na formação. Tal fica claro também no artigo sobre: *“O impacto das exigências aos estudantes fica claro no artigo Stress, anxiety and cortisol levels in nursing students during clinical practice: a scoping review”*. Numa perspectiva mais pessoal o artigo *“Não adesão ao regime medicamentoso num adolescente: uma reflexão segundo o ciclo de Gibbs”* oferece uma reflexão de uma ainda aluna em estágio que conclui também sobre a necessidade de identificar estratégias de suporte sociais para melhorar o acompanhamento dos jovens.

Falando de social o artigo *“Projeto de investigação acção : implementação de cidades compassiva Almada”* mostra a potencial crucial importância da mobilização e identificação dos recursos comunitários existentes, ou em desenvolvimento, para lidar com os desafios em termos de saúde, inclusive nos cuidados a pessoas em fim de vida. Numa perspectiva mais concreta de ecossistema, o artigo *“Alterações climáticas e desenvolvimento infantil: revisão integrativa da literatura”* alerta para a importância deste novo desafio para as questões de saúde.

E porque a doença não deixa de ser, também, lesão tecidual, o artigo *“Cuidados de enfermagem à pessoas com fistula enterocutânea: um estudo de caso”* partilha conhecimentos e experiências concretas e relevantes, que têm também de fazer parte do arsenal destes profissionais.

No seu conjunto estes artigos mostram a dimensão de variáveis, níveis, contextos e perspetivas, a considerar quando falamos de “Saúde”. A tomada de consciência desta complexidade deve ser tenazmente trabalhada por/em cada profissional de saúde para que, não ficando paralisado na ação, compreenda que nenhum ato é linear ou igual a outro. Como compete a uns “Cadernos de Saúde”.



Maria Vânia Nunes  
Universidade Católica Portuguesa,  
Faculdade de Ciências da Saúde e Enfermagem,  
Centro de Investigação Interdisciplinar em Saúde (CIIS), Portugal  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9276-8142>